

A construção da identidade da mulher Sino-Americana em *The Woman Warrior* (1976), de Maxine Hong Kingston.

Mônica Schischof Cuginotti - UNESP/Ibilce Câmpus de São José do Rio Preto/SP

Resumo: O presente trabalho focaliza os processos de construção de identidade da mulher no romance *The Woman Warrior* (1976), de Maxine Hong Kingston, autora americana, descendente de chineses. Neste trabalho, analisamos a literatura produzida nos Estados Unidos na atualidade, em particular a de uma sino-americana, abordando questões de identidade e do papel que cabe à mulher tanto na cultura chinesa quanto entre os imigrantes chineses e seus descendentes nos Estados Unidos. Por meio deste romance, Kingston revela como estes imigrantes encontram-se divididos entre a forte e milenar tradição chinesa e a cultura ocidental na América contemporânea. Abordamos também como alguns valores ainda são mantidos fora da China, dificultando a adaptação destes imigrantes à cultura ocidental.

A base teórica apresenta textos sobre o romance pós-moderno, estudos culturais, questões de identidade feminina e autobiografia. A partir da análise dos elementos constituintes da obra, isto é, as estratégias narrativas empregadas por Kingston, discutiremos sua postura contrária à manutenção da tradição cultural chinesa na América, enfatizando o tratamento dispensado às mulheres, que são desvalorizadas no contexto oriental, embora tenham crescido no ocidente. Desta maneira, examinar o conflito de identidades vivido pela personagem será o principal objetivo do trabalho.

Palavras chave: Identidade, Literatura Sino-Americana, Pós-Modernismo

Uma das características do pós-modernismo foi possibilitar que outras vozes fossem ouvidas – por exemplo, a das mulheres. Então, histórias (no plural) passaram a ser contadas.

Segundo a teórica Linda Hutcheon, o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, histórico e político, que se contrapõe a e trabalha dentro do próprio sistema que tenta subverter (1993, p. 4). Hutcheon ressalta a necessidade de estarmos abertos ao que não pertence ao centro, ao que é marginalizado e ignorado pela sociedade. O pós-modernismo admite a multiplicidade de vozes e questiona, sem destruir, sistemas fechados, centralizados, hierarquizados: “[*Postmodernism*] acknowledges the human urge to make order, while pointing out that the orders we create are just that: human constructs, not natural or given entities” (1993, p. 41-42). Assim, ele contribuiu para a emergência das vozes marginalizadas das minorias étnicas, raciais, sociais, sexuais etc. Não existe a inversão de valores entre o centro e as margens, e sim diferentes perspectivas diante de um mesmo fato, a perspectiva do opressor e a do oprimido. Para Hutcheon, “*To be ex-centric, on the border or margin, inside yet outside is to have a different perspective, one that Virginia Woolf* (1945, 96)

one called 'alien and critical,' one that is 'always altering its focus,' since it has no centering force” (1993, p. 67).

O pós-modernismo nega a rigidez da linguagem, possibilitando diferentes meios artísticos de escrever, permitindo a linguagem experimental (a prática do *story-telling*, por exemplo) e distorcendo os limites que antigamente eram claros entre gêneros literários. Podemos encontrar, em um mesmo texto, características de prosa, poesia, biografia, autobiografia, romance, sem sermos capazes de estabelecer os limites de tais gêneros.

The Woman Warrior – Memoir of a Girlhood Among Ghosts (1976), de Maxine Hong Kingston, conta a história de uma mulher que luta para conciliar sua herança cultural chinesa com a cultura norte-americana em que vive. Como parte da primeira geração sino-americana, Kingston tenta construir sua identidade ao contar a história de cinco mulheres – "No-Name Woman", Fa Mu Lan, Brave Orchid, Moon Orchid e, finalmente, dela mesma – que, de uma maneira ou outra, influenciaram seu desenvolvimento como indivíduo e como mulher. A cada uma delas é dedicado um capítulo do livro, que mistura as experiências vividas por Kingston a uma série de “*talk-stories*” – histórias faladas que combinam mitos e crenças chinesas – contadas por sua mãe no decorrer de sua vida.

The Woman Warrior é considerado um livro autobiográfico, no qual Kingston faz um relato em primeira pessoa de sua própria existência. Entretanto, percebemos ao longo do romance uma série de características que poderiam classificá-lo tanto como autobiografia quanto ficção. A autobiografia, segundo definição do teórico francês Philippe Lejeune (*apud* Maciel, 2001, p. 75), é um relato em prosa que mantém uma relação de identidade entre autor e narrador. Trata-se da vida individual e da história da personalidade de um “eu”, que se diz ser o autor, contada em prosa e de modo retrospectivo. Nas autobiografias “temos um ‘eu’ que quer tirar do mundo o que seja a sua própria história” (2001, p.76).

Devido ao fato de que muito do que é contado no livro é apenas especulação, imaginação e reflexão, a percepção da autobiografia como relato fiel de acontecimentos do mundo externo é violada. Características da escrita ficcional aparecem ao longo de todo o romance, sempre que se é necessário relatar, criar, modificar ou adaptar eventos ou experiências para servirem às necessidades da autora. Traços ficcionais aparecem freqüentemente em lendas e mitos chineses, nas histórias contadas pela mãe de Kingston, em relatos de acontecimentos ocorridos na China ou nos Estados Unidos.

Por incluir elementos característicos de textos de ficção em uma obra tida como autobiográfica, Kingston enfrenta inúmeras críticas no que diz respeito à autenticidade de *The Woman Warrior*. Acusam-na de distorcer e estereotipar a realidade chinesa, de ceder à cultura dominante norte-americana, de passar uma falsa idéia da cultura chinesa a leitores norte-americanos. Estas acusações ocorrem justamente pela razão de existirem fronteiras sutis entre autobiografia e ficção, tornando impossível determinar onde começa uma e termina a outra.

A necessidade que Kingston sente de buscar sua identidade sino-americana tem origem na própria cultura norte-americana e na sua relação complexa com o Outro. A história da imigração chinesa dentro dos Estados Unidos é um exemplo desse relacionamento. Desde a sua colonização o país recebe, a cada ano, milhões de pessoas de todas as partes do mundo. A partir do momento em que o país passou a ser sinônimo de liberdade e boas condições de vida, grandes contingentes de imigrantes, inclusive chineses, começaram a migrar para a América à procura do *American Dream*. “*When you come to America, it’s a chance to forget some of the bad Chinese habits*” (*The Woman Warrior*, 1976, p. 139), afirma Brave Orchid, mãe de Kingston, à sua irmã, recém chegada da China.

Contudo, os Estados Unidos, apesar de terem sempre sido uma nação de imigrantes, colocou muitas restrições à imigração. Além da mão de obra desqualificada e da barreira lingüística que impossibilitava imigrantes chineses de obterem sucesso na América, devido ao grande número de chineses no país, em 1882 foi aprovada uma lei que proibia a entrada de trabalhadores nos Estados Unidos. A situação dos chineses começou a melhorar apenas com a 2ª Guerra Mundial. Aliando-se aos Estados Unidos, passaram de inimigos a amigos. A partir de então, além dos homens, mulheres puderam também entrar no país, modificando a estrutura da cultura chinesa na América. Ao invés de reforçar a cultura chinesa, percebe-se um fortalecimento de uma mistura de traços culturais da China e dos EUA.

Surge, então, a dúvida em relação à identidade: quantas gerações são necessárias para alguém se tornar um americano? Para descendentes de outras culturas não-européias, esse processo pode durar várias gerações. Filhos de chineses nascidos nos Estados Unidos são chamados de sino-americanos, pois não se identificam totalmente com uma cultura ou outra, não são considerados totalmente chineses ou americanos, mas sim uma mescla de ambos. Kingston transita entre as fronteiras culturais chinesas e

americanas, sua obra ilustrando a tentativa de construção de uma identidade única e definível. Com sua obra lemos:

Chinese-Americans, when you try to understand what things in you are Chinese, how do you separate what is peculiar to childhood, to poverty, insanities, one family, your mother who marked your growing with stories, from what is Chinese? What is Chinese tradition and what is the movies? (*The Woman Warrior*, 1976, p. 6)

Ora, o sujeito pós-moderno é fragmentado e composto de várias identidades que, em alguns momentos, podem ser contraditórias entre si. Esse colapso resulta de mudanças institucionais e estruturais que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo. O sujeito não possui uma identidade permanente, fixa ou coerente, mas sim uma identidade que se adapta ao momento, à situação vivida por este sujeito. Ao longo de nossa vida, vivemos e nos identificamos com várias identidades, embora poucas vezes tenhamos consciência disso. Stuart Hall (1999, p. 38) afirma que o sujeito acredita que sua identidade é unificada e “resolvida”, e não uma formação contínua do nosso inconsciente.

Um outro aspecto que merece atenção diz respeito à nossa “identidade cultural”, ou seja, a nossa identificação com a cultura nacional a que estamos sujeitos. Uma cultura nacional é muitas vezes representada como uma generalização de características de seus membros, independentemente de suas diferenças no que diz respeito à raça, religião, classe, gênero. Sabe-se que grande parte das nações é formada por diferentes culturas unificadas por meio de um processo de opressão e que são sempre compostas de diferentes grupos étnicos, classes sociais e gêneros. Para Hall (1999, p. 62), as identidades nacionais deveriam, portanto, ser pensadas como “constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade”. Tais identidades, que uma vez foram centradas e completas, agora estão deslocadas pelos processos de globalização.

A globalização, como fenômeno que torna o mundo interconectado, permite que haja uma homogeneização cultural. Segundo Hall (1999, p. 69), esse processo têm três principais conseqüências: desintegração das identidades nacionais; fortalecimento das identidades “locais”; e aparecimento de identidades híbridas. Victoria Chen (2004, p. 19), ao discutir sobre a identidade cultural sino-americana, acredita que se trata de um

fenômeno da era moderna: “*the pluralization or segmentation of lifeworlds, whereby the condition of modernity is characterized by the plurality and fragmentation of our identity*”.

Para Chen (2004, p.16), Kingston descreve a ambigüidade de viver em meio a duas culturas diferentes, a dor de desafiar elementos de sua herança chinesa e a luta para ser ouvida na sociedade americana. Sua identidade chinesa e americana estaria separada e conectada pelo hífen de “sino-americana”. O hífen mostra, por um lado, que sino-americanos possuem uma herança étnica distinta e são diferentes de americanos descendentes de imigrantes europeus. Por outro, o hífen destaca o fato de que eles não são mais estrangeiros, e sim cidadãos nascidos e criados nos Estados Unidos, assim como qualquer outro americano (2004, p. 20). Kingston tenta, assim, preencher o vazio existente entre as duas culturas.

Identidades híbridas como essas estão se tornando cada vez mais frequentes na sociedade pós-moderna. O pós-modernismo permite que identidades ambíguas e heterogêneas existam. García Canclini (*apud* Coser, 2005, p. 178) afirma que “ao trabalhar com a ‘hibridação cultural’, os artistas contemporâneos não parecem pretender ‘inventar ou impor um sentido ao mundo’ mas, sim, desconstruir o real e suas representações tradicionais”. Ao lermos *The Woman Warrior* percebemos que Kingston tenta encontrar um espaço no qual ela possa viver em harmonia com as duas culturas, e, ao fazer isso, ela acaba por criar uma identidade híbrida.

Um das principais características de escritores sino-americanos é a individualidade: eles não pretendem escrever para falar sobre a comunidade étnica em que vivem. Para Amy Ling (1999, p. 137), esse foco em si mesmo é resultado do convívio entre duas culturas, que acaba gerando centros instáveis e singulares; “*they look inward with an urgency to comprehend and balance the bicultural clashes they have known and must reconcile. [...] Their purpose is to explain themselves to themselves*” (p. 137). Kingston escreve de uma maneira não tradicional justamente para mostrar que ela é diferente. Experimentação com a linguagem e com estruturas são frequentes e aparecem em conversas, histórias, imagens, lugares, pessoas. Conflitos de identidade surgem nas conversas com a mãe conservadora, nos mitos chineses modificados, na China inventada e imaginada, no convívio com diversas pessoas de diferentes raças, grupos étnicos, idades, sexos. A formação da identidade de Kingston ocorre em meio a mitos chineses e sonhos americanos.

Kingston começa sua busca por uma identidade pessoal com a história, contada por sua mãe, sobre uma tia, “*no name woman*”, que se suicidou após dar a luz a um filho concebido enquanto seu marido estava nos Estados Unidos. A partir daí, Kingston reescreve a história da tia pela sua perspectiva americana, e, ao tentar entender o contexto patriarcal em que a tia vivia, tenta também compreender sua própria origem. Kingston cria várias histórias, todas repletas de imaginação e especulações sobre a cultura de um país no qual as mulheres não têm autonomia sobre suas próprias vidas e são obrigadas a obedecer regras sem questioná-las. Ao descrever a tia como uma mulher forte, feminina e independente, Kingston vai contra os valores chineses e revela seus próprios valores. A mãe de Kingston narra a história da tia, ignorada pela família, como um aviso à filha que entrara na adolescência, e pede a ela que este fato nunca mais seja contado. Kingston, no entanto, desobedece a mãe e revela a história da tia renegada, ainda que tema a desaprovação da mãe:

My aunt haunts me – her ghost drawn to me because now, after fifty years of neglect, I alone devote pages of paper to her, though not origamied into houses or clothes. I do not think she always means me well. (1976, p. 16)

Em “*White Tigers*”, segundo capítulo de *The Woman Warrior*, Kingston reescreve a lenda de Fa Mu Lan e, por meio dela, dá seguimento à sua busca por uma identidade, desta vez de maneira mais favorável às mulheres: “*When we Chinese girls listened to the adults talk-story, we learned that we failed if we grew up to be but wives or slaves. We could be heroines, swordswomen.*” (1976, p. 19). Contado durante a infância pela sua mãe, o mito da garota que toma o lugar do pai na guerra acompanha Kingston por toda sua vida, tornando-se um exemplo de força e de poder. Apenas depois de adulta, Kingston percebe que as histórias contadas por sua mãe, que antes eram criticadas, tornaram-se importantes para sua formação: “*At last I saw that I too had been in the presence of great power, my mother talk-story.*” (1976, p. 19, 20). Ao contar histórias, ela reconcilia seu passado chinês com o presente americano.

Kingston rejeita a ideia de se tornar escrava ou esposa, e, ao contrário, afirma: “*I would have to grow up a woman warrior*” (1976, p. 20). A identificação entre Kingston e Fa Mu Lan é mostrada principalmente na narração da história em primeira pessoa, ou seja, de acordo com a perspectiva da guerreira. Além disso, as duas denunciam e

enfrentam problemas que surgem em suas vidas, com a diferença de que, para isso, uma utiliza uma espada, enquanto a outra faz uso das palavras. Porém, a idéia de preservação que está nestas diferentes atitudes é a mesma:

The swordswoman and I are not so dissimilar. [...] What we have in common are the words at our backs. The idioms for revenge are “report a crime” and “Report to five families” The reporting is the vengeance – not the beheading, not the gutting, but the words. And I have so many words – ‘chink’ words and ‘gook’ words too – that they do not fit on my skin. (1976, p. 53)

Em uma tentativa de ser reconhecida, Kingston vai estudar em Berkeley, buscando nos estudos a identificação com a cultura americana:

I went away to college – Berkeley in the sixties – and I studied, and I marched to change the world, but I did not turn into a boy. I would have liked to bring myself back as a boy for my parents to welcome me with chickens and pigs. That was for my brother, who returned alive from Vietnam. (1976, p. 47)

Apesar da constante luta pela igualdade na América, Kingston enfrenta grandes dificuldades por ser uma mulher em meio à tradição patriarcal chinesa. Enquanto o nascimento de garotos era motivo de celebrações, o de garotas era ignorado. O irmão que volta do Vietnã é muito bem-recebido pela família, enquanto a volta de Kingston de Berkeley passa quase despercebida. Na China, mulheres são maltratadas e invisíveis, “*better to raise geese than girls*”, assinala alguém da família de Kingston (1976, p. 46). Ser mulher, nessas condições, é viver exilada, sem lugar definido.

Nos Estados Unidos, no entanto, as mulheres são mais valorizadas, e isso causa estranhamento em Moon Orchid, tia de Kingston, quando ela chega à América em busca do marido. “*It’s against the law to have two wives in this country,*’ said Moon Orchid. *I read that in the newspaper*” (1976, p. 144). O choque entre as duas culturas faz Moon Orchid, uma mulher criada dentro dos padrões opressores chineses, enlouquecer: “*The difference between mad people and sane people,*’ Brave Orchid explained to the children, *is that sane people have variety when they talk-story. Mad people have only one story that they talk over and over*” (1976, p. 159). Kingston ainda complementa:

I thought talking and not talking made the difference between sanity and insanity. Insane people were the ones who couldn't explain themselves. There were many crazy girls and women. Perhaps the sane people stayed in China to build the new, sane society. Or perhaps our little village had become odd in its isolation. (1976, p. 186)

Ao perceber que uma característica da insanidade seria então a repetição de uma mesma história e a dificuldade de expressão, Kingston dispõe de diversas histórias em *The Woman Warrior* como uma forma de fortalecer-se e fugir do silêncio.

Kingston, por outro lado, era proibida por seus pais de se expressar, especialmente sobre o passado chinês de sua família e a chegada deles aos Estados Unidos. Ao relatar um acontecimento na escola, quando um menino não conseguia preencher um formulário pois fingia não saber o nome do pai, Kingston mostra a situação vivida por imigrantes no país:

Even we laughed, although we knew that his mother did not call his father by name, and a son does not know his father's name. We laughed and were relieved that our parents had had the foresight to tell us some names we could give the teachers. (1976, p. 177)

Como imigrantes ilegais, eles viviam escondidos, utilizando documentos falsos e mentindo sobre suas identidades. Evitavam autoridades e a polícia por medo de serem mandados de volta à China. “*Lie to Americans.*” (1976, p. 184), é o conselho ouvido por Kingston. “*There were secrets never to be said in front of one of the ghosts, immigration secrets whose telling could get us sent back to China.*” (1976, p. 183). Embora filhos de imigrantes, as crianças haviam nascido nos Estados Unidos e não eram mais reconhecidas como verdadeiramente chinesas, eram consideradas “fantasmas”, assim como tudo o que provinha da cultura americana. Por este motivo, a elas não era dado o direito de saber os verdadeiros nomes dos pais: “*They would not tell us children because we had been born among ghosts, were taught by ghosts, and were ourselves ghost-like. They called us a kind of ghost. Ghosts are noisy and full of air; they talk during meals. They talk about anything*” (1976, p. 183,184).

Embora poucas, as referências políticas em *The Woman Warrior* influenciam o desenvolvimento de alguns eventos. Com a tomada do poder chinês pelo Partido Comunista, fazendeiros passaram a ser perseguidos e suas terras redistribuídas entre camponeses. Estes problemas levaram tanto a execuções de familiares de Kingston quanto ao questionamento por parte da escritora sobre a validade do regime: “*Soon I want to go to China and find out who’s lying – the Communists who say they have food and jobs for everybody or the relatives who write that they have not the money to buy salt*” (1976, p. 205). O regime comunista define a vida dos chineses e estes lutam para escapar dele, seja fugindo do país ou escrevendo para parentes na América pedindo dinheiro, como podemos observar na seguinte passagem: “*When we overseas Chinese send money, do the relatives divide it evenly among the commune? Or do they really pay 2 percent tax and keep the rest? It would be good if the Communists were taking care of themselves; then I could buy a color t.v.*” (1976, p. 206).

Já no final do livro, Kingston narra de quando questionou sua mãe sobre a validade das histórias contadas por ela: “*You lie with stories. You won’t tell me a story and then say, ‘This is a true story,’ or, ‘This is just a story.’ I can’t tell the difference. I don’t even know what your real names are. I can’t tell what’s real and what you make up*” (1976, p. 202). Anos mais tarde, ela percebe que todas as histórias contadas por sua mãe fizeram-na desenvolver uma voz pessoal forte com a qual ela pode conciliar as culturas chinesa e americana. Ela aprende a utilizar o poder das palavras para se expressar.

Assim como Kingston pergunta a sua mãe, os leitores perguntam também se as histórias contadas por ela são verdadeiras ou inventadas, se são reais ou apenas imaginadas. Talvez uma das principais, e mais radicais, características do pós-modernismo seja justamente o cruzamento da fronteira entre realidade e ficção, e que Kingston trabalha com maestria para revelar a trajetória de uma mulher sino-americana em busca de sua identidade.

BIBLIOGRAFIA

CHEN, Victoria. (De)hyphenated Identity: The Double Voice in The Woman Warrior. In: GONZALEZ, Alberto; HOUSTON, Marsha e CHEN, Victoria (eds.). *Our Voices: Essays in Culture, Ethnicity, and Communication*. Los Angeles: Roxbury, 1994, 3-11.

COSER, Stelamaris. Híbrido, Hibridismo e Hibridização. In: FIGUEIREDO, Eurídice. (org.) *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, 163-188.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HUTHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. London, New York: Routledge, 1993.

KINGSTON, Maxine Hong. *The Woman Warrior – memoirs of girlhood among ghosts*. New York: Vintage, 1976.

LING, Amy. Chinese American Women Writers: The Tradition behind Maxine Hong Kingston. In: WONG, Sau-ling Cynthia. (ed.) *Maxine Hong Kingston's The Woman Warrior: A Casebook*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1999, 135-158.

MACIEL, Sheila Dias. *Da leitura do "Diário completo", de Josué Montello, ao questionamento sobre diários: singularidades de uma forma plural*. São Jose do Rio Preto: [s.n.], 2001.